

Censo 2006

Primeiras interpretações

O CENSO de 1996 registrou o acontecido em um interregno de tempo, a partir de 1986, marcado por um dos períodos mais prolongados de profunda crise na agricultura. Somente após as grandes renegociações das dívidas, na segunda metade dos anos noventa, com a Securitização, o Programa Especial de saneamento de Ativo (Pesa) e o Programa de Revitalização e Estruturação Financeira das Cooperativas (Recoop), a situação começou a mudar de figura. O Censo de 2006 capta muito dessa situação mais favorável.

Na segunda metade da década de noventa houve uma intensa reestruturação no agronegócio brasileiro. Grande parte das empresas de capital nacional da área de sementes, fertilizantes, tratores e colheitadeiras vendeu seus negócios a grandes incorporações internacionais. A exportação da soja em grão, com a Lei Kandir, de setembro de 1996, ficou isenta de Imposto de Circulação de Mercadoria e Serviço (ICMS). Isso abriu espaço para a sua rápida expansão no Centro-Oeste. Em 2006, o Brasil exportou 10 milhões de toneladas da oleaginosa somente para a China.

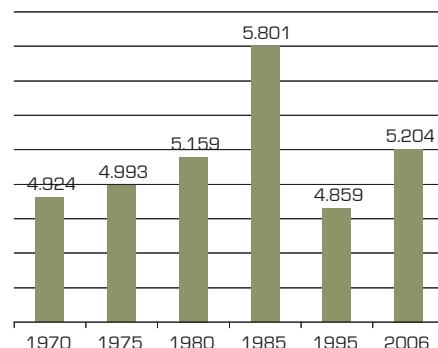
Já a partir de 2000, o agronegócio brasileiro faz decisivamente sua inserção no mercado internacional. As exportações saem de US\$ 19 bilhões e chegam a US\$ 49 bilhões em 2006. No *ranking* das exportações, as cadeias produtivas nacionais aparecem nos primeiros postos. Em 2003, é lançado no mercado interno o carro *flex fuel*. Um sucesso monumental, de repercussão internacional. Os biocombustíveis entram na agenda mundial e a cana-de-açúcar vive dias de glória.

O exercício de 2004 estanca o ciclo de euforia e de expansão. Com a sobrevalorização do real ante o dólar, as adversidades climáticas e o alto endividamento, a agricultura entra em fase de ajuste e transição. Nesse processo todo, o mapa da agricultura ganha novo contorno e carece de novos entendimentos. Além das exigências internas, extrapolam, agora, mais aquelas de natureza estrangeira. São as circunstâncias de um setor globalizado.

Maior número de estabelecimentos rurais

O número de estabelecimentos rurais aumentou e chegou próximo dos números apurados no Censo de 1980. O incremento foi de 344 mil unidades. Aparentemente, apesar dos números estarem agregados, não há justificativa lógica para esse comportamento. Diante das crises vividas pelo setor nas últimas décadas, e a expansão da fronteira agrícola para o Centro-Oeste, a expectativa seria de ter ocorrido

Brasil: número de estabelecimentos rurais (mil unidades)



Fonte: Censo IBGE

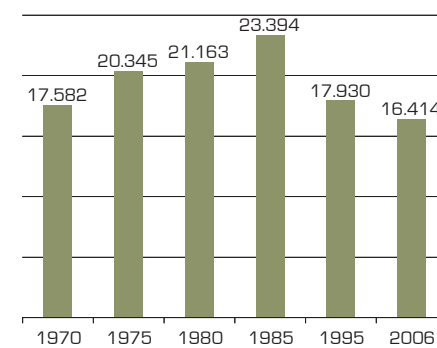
concentração em estabelecimentos de áreas maiores.

Uma das explicações a serem pesquisadas seria o impacto do processo de reforma agrária realizada no período. A classificação dos estabelecimentos rurais em termos de área, atividade explorada e a natureza da propriedade dariam muita luz à interpretação dessa questão. Certamente, esse processo não foi geral, principalmente nas Regiões Sul e Sudeste, onde a pequena propriedade perdeu muito espaço.

Cai o número de empregos

Os dados preliminares sobre o pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários em 31/12/2006, em relação ao Censo de 1995/1996, mostram redução de 8,5%. A queda, de 17,9 milhões para 16,4 milhões de pessoas, corresponde a uma baixa de 1,5 milhão. Essa tendência faz sentido diante da maior taxa de mecanização dos processos de produção da agricultura, com poupança crescente de mão de obra.

Brasil: pessoal ocupado na agricultura (mil pessoas)



Fonte: Censo IBGE



A participação relativa dos membros das famílias dos produtores subiu de 75,9% para 78,0%. Esse aumento foi generalizado no País, com exceções de certas áreas da Região Norte, em especial nos estados do Pará e do Amazonas. Os indícios para essa constatação passam certamente pelo apoio do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf), criado em 1996, mas com aporte crescente de recursos ao longo dos anos. Será interessante associar o aumento do número de estabelecimentos à natureza do tipo de proprietário.

O aumento da participação da mão-de-obra familiar no Nordeste, em especial na região que se estende de Alagoas ao norte de Pernambuco, parece refletir o assentamento de famílias de trabalhadores agrícolas em regiões tradicionais de lavoura de cana-de-açúcar. Exceção para o oeste baiano, onde em uma área de agricultura empresarial ligada à soja, introduzida ainda na década de 1980, foi verificada a maior proporção de empregados contratados sem laço de parentesco com o produtor.

Maior potência no campo

Um dado, que no primeiro momento causa surpresa, diz respeito à redução da frota de tratores. Mesmo com uma pequena variação negativa de 15 mil, essa constatação merece uma prospecção mais profunda. As vendas das empresas de tratores revelam nos últimos anos uma tendência do fornecimento de unidades com maiores potência e capacidade de trabalho. Essa é uma das alternativas empresariais para dar ao estabelecimento rural mais escala de pro-

Brasil: utilização das áreas (hectares)

	1970	1975	1980	1985	1995	2006
Lavouras ¹	33.983.796	40.001.358	49.104.263	52.147.708	41.794.455	76.697.324
Pastagens ²	154.138.529	165.652.250	174.499.641	179.188.431	177.700.472	172.333.073
Matas e Florestas ³	57.881.182	70.721.929	88.167.703	88.983.599	94.293.598	99.987.620
Sub-total	246003507	276375537	311771607	320319738	313788525	349018017
Outras	48.141.959	47.520.545	53.082.814	54.605.191	38.822.721	5.847.517
Total	294.145.466	323.896.082	364.854.421	374.924.929	352.611.246	354.865.534

Fonte: Censo IBGE

Nota: Lavoura permanente somente foi pesquisada a área colhida para os produtos com de 50 pés em 31/12/2006

1 Lavouras permanentes, temporárias e cultivo de flores, inclusive hidroponia e plasticultura, viveiros de mudas, estufas de plantas e cadsas de vegetação e forrageiras para corte

2 Pastagens naturais, plantadas (degradadas em boas condições)

3 Matas ou florestas naturais destinadas à preservação permanente ou reserva legal

Brasil: tamanho do rebanho (número de animais)

	1970	1975	1980	1985	1995	2006
Bovinos	78.562.250	101.673.753	118.085.872	128.041.757	153.058.275	169.900.049
Bubalinos	108.592	209.077	380.986	619.712	834.922	839.960
Caprinos	5.708.993	6.709.428	7.908.147	8.207.942	6.590.646	7.109.052
Outros	17.643.044	17.486.559	17.950.899	16.148.361	13.954.555	13.856.747
Suínos	31.523.640	35.151.669	32.628.723	30.481.278	27.811.244	31.949.105
Aves *	213.623	286.810	413.180	436.809	718.538	1.244.261

Fonte: Censo IBGE

* Inclui galinha, galos, frangas e frangos

Brasil: produção animal

Produção	1970	1975	1980	1985	1995	2006
Leite vaca (mil litros)	6.303.111	8.513.783	11.596.276	12.846.432	17.932.249	21.433.748
Leite cabra (mil litros)		13.394	25.527	35.834	21.900	21.275
Lã (toneladas)	33.617	31.519	30.072	23.877	13.274	11.243
Ovos (mil dúzias)	556.410	878.337	1.248.083	1.376.732	1.885.415	2.732.407

Fonte: Censo IBGE

dução para a diminuição dos custos de produção.

Em razão do sucateamento da frota nacional de tratores, em março de 2000, foi lançado o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados à Colheitadeira, conhecido como Moderfrota. A agricultura precisava de investimentos em mecanização, mas vinha de um longo processo de descapitalização, devido aos planos heterodoxos de congelamento de preços de bens e salários nos anos oitenta até a implantação do Plano Real em 1994. De 2000 a 2004, as vendas de tratores estiveram sempre em alta e ajudaram o País a

conquistar sucessivos recordes na produção de cereais e oleaginosas.

Expansão da fronteira agrícola

Os resultados preliminares do Censo Agropecuário de 2006 mostram um aumento na área de lavouras de 83,5%, em relação ao Censo de 1996, enquanto a de pastagens reduziu-se em aproximadamente 3,0%. Esses números fortalecem os indícios em torno do modelo de crescimento do setor, baseado na expansão das fronteiras agrícolas, com a progressiva inserção do País no mercado mundial de produção de grãos (especialmente a soja) e da intensificação da pecuária.

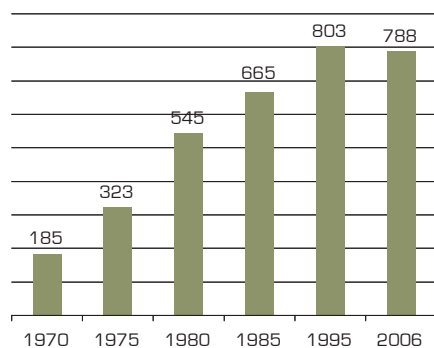
Na Região Norte, foi verificado o maior aumento relativo na área de lavoura, 275,6%. Os menores incrementos foram observados no Sudeste (50,0%) e no Sul (48,8%), regiões de ocupação mais consolidada. Em um patamar intermediário, estão as Regiões Centro-Oeste (95,6%) e Nordeste (114,7%). Especialmente no Nordeste, o crescimento de 114,7% verificado na área de lavoura pode ter decorrido de mudanças metodológicas entre os dois Censos. A leitura desse processo deve ser relativa, pois o Censo de 1996, em comparação ao de 1985, revela um recuo de 10,4 milhões de hectares na área de lavoura.

O Censo verificou crescimento da participação relativa da área de lavoura em relação às áreas de pastagem e florestas que, em 1970, era de 4,5; em 1995, 4,2; e passou para 2,2 em 2006. Vale destacar que, embora os resultados sejam preliminares, a alteração de patamar na relação entre área de lavouras e área de pastagens é muito significativa e representa uma grande mudança na utilização das terras do País.

Pecuária intensifica-se e caminha para o Norte

Como registrado no Censo anterior, o tamanho do rebanho mostra uma grande variação em relação ao divulgado anualmente pelo próprio IBGE. Isso tem implicação nos programas de sanidade animal desenvolvidos pelo governo, como, por exemplo, no combate à febre aftosa em termos de animais vacinados e concentração do rebanho. Isso cria desconfiância nos países importadores e acarreta problemas com a Organização Mundial de Saúde. Um ajuste e convergência dos números se faz mister há muito tempo.

Informação relevante diz respeito à interiorização e à intensificação da pecuária bovina por meio dos dados do Censo Agropecuário 2006. Houve ocupação de novas áreas no leste do Pará, em praticamente todo o estado de Rondônia e no

Brasil: frota de tratores na agricultura (mil unidades)

Fonte: Censo IBGE

Estrutura e montagem do Censo

As operações dos Censos 2007, que incluem o Censo Agropecuário 2006, a Contagem da População 2007, começaram no dia 16 de abril de 2007 em todo o País. Para transmissão dos dados coletados, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utilizou uma estrutura própria formada por 27 Unidades Estaduais e 534 Agências Municipais. Além disso, postos de coleta distribuídos em escolas, prefeituras e associações, cederam espaço aos recenseadores para descarregar e transmitir as informações à sede do Instituto, no Rio de Janeiro. A rede de coleta contou com 1.111 pontos com micro-computadores e acesso à *internet* por banda larga, 700 deles com transmissão via satélite.

A grande inovação tecnológica dos Censos 2007 foi a utilização pelas equipes de campo de cerca de 82 mil computadores de mão (Personal Digital Assistants – PDA), em substituição aos tradicionais questionários de papel. Dotados de equipamentos de GPS (Global Positioning System ou Sistema de Posicionamento Global, em português).

Os PDAs possibilitaram aos recenseadores melhor localização nas áreas de coleta (setores censitários), bem como

a captação precisa das coordenadas geográficas de estabelecimentos agropecuários e dos domicílios associados. Anteriormente, o instrumento de apoio era apenas os mapas impressos. Dentre as vantagens da coleta eletrônica estão:

- A rapidez e agilidade nas entrevistas;
- O processamento das informações recolhidas;
- Comunicação dos resultados à sociedade.

Nesta edição do Censo Agropecuário 2006, houve uma ocorrência mais pronunciada da chamada coleta descentralizada. Esta modalidade permite a realização da coleta fora do estabelecimento, quando o produtor reside em outro município. A seguir o dado coletado é transmitido do PDA do recenseador para o supervisor lotado na área de coleta correspondente ao endereço do produtor.

Na verdade, a natureza preliminar dos dados deve-se, em parte, à futura agregação de números derivados da coleta descentralizada. Isso corresponde aos dados coletados em áreas distantes dos limites territoriais de coleta definidas para um recenseador, em função de o produtor residir em outro muni-

cípio ou até em outro estado. Há um processo não-usual de coleta. As informações concentram-se em quase 4 mil estabelecimentos, localizados principalmente nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo. Assim, as informações ora divulgadas poderão passar por alterações.

As áreas de lavouras incluem as lavouras temporárias, lavouras permanentes e terras em descanso, enquanto as áreas de matas correspondem às matas e florestas nativas, florestas plantadas e aquelas destinadas à preservação permanente ou reserva legal, e silvicultura. Já a área de pastagens inclui pastagens naturais e plantadas.

Na tentativa de levar ao público leitor mais informações sobre o processo de desenvolvimento e crescimento do setor agrícola nos últimos dez anos, em suas próximas edições, *Agroanalysis* trará, sistematicamente, matérias especiais com base em análises do Censo Agropecuário de 2006. É um esforço para enriquecer os debates, com análises e premissas para aprimorar as políticas públicas dirigida ao setor e levar às empresas do agronegócio informações para as tomadas de decisões e formulações estratégicas.

noroeste do Maranhão. Outra área de aumento na ocupação por bovinos é a faixa ao longo do Rio Amazonas e de alguns afluentes importantes, desde o norte do Pará até o norte do Acre.

Os outros grandes números indicam, na década 1996-2006, aumento de 7,1% no número de estabelecimentos agropecuários, redução de 8,5% do pessoal ocupado e aumento dos principais rebanhos: bovinos (11,0%), suínos (14,9%) e aves (73,2%). A divulgação dos resultados definitivos está prevista para outubro de 2008.

Nas áreas onde já havia desenvolvimento da pecuária, sobretudo, nos es-

tados de Minas Gerais, São Paulo, do Paraná, Rio Grande do Sul, de Mato Grosso do Sul, Goiás e Mato Grosso, o Censo Agropecuário indica a intensificação da atividade. De modo geral, no Centro-Sul, o percentual das áreas de pastagem diminuiu em relação às terras do estabelecimento. A explicação está relacionada ao avanço das lavouras. No Nordeste, apesar de não se verificar uma mudança claramente marcada na distribuição das áreas onde as pastagens prevalecem, verifica-se a mesma tendência de intensificação pelo aumento da densidade de bovinos.

Em relação aos últimos censos, o ritmo de crescimento da produção de leite caiu de 39,6%, de 1985 para 1996, e 19,5%, de 1996 para 2006. As bacias leiteiras de grandes estados produtores da Região Sul e de São Paulo perderam expressão. Muitas propriedades de excelente tecnologia abandonaram a criação e venderam seus plantéis de excelência genética. Sem rentabilidade, a atividade migrou para o Centro-Oeste. Das nove cooperativas centrais de leite localizadas em diferentes estados, a Itambé, em Minas Gerais, representa uma das raras exceções. ■